

## **A RESISTÊNCIA DA FEIRA LIVRE EM UMA CIDADE DO AGRONEGÓCIO**

Delmaci Souza da Silva<sup>1</sup>  
Victor Alves Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal traçar o perfil dos feirantes que agem na feira da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Primavera do Leste (Aproleste), localizada no interior do estado de Mato Grosso. Assim, foi definido o seguinte questionamento de pesquisa: como sobrevivem os feirantes da cidade de Primavera do Leste/MT, no qual, tem uma dinâmica comercial preferencialmente que protege o grande produtor? Para isso, foram utilizadas a verificação de documentação, entrevistas semiestruturadas com os feirantes e análise desses resultados apurados. Havendo como dados preliminares, uma desvalorização do pequeno agricultor, que luta incansavelmente e injustamente contra o grande latifundiário e as propostas do capitalismo de produção.

**Palavras-chaves:** Feirante, resistência, agronegócio.

### **Introdução**

Com a revolução da agricultura na Inglaterra no século XIX, a mesma, deixa de ser uma produção familiar e torna-se uma produção industrial. A mecanização do campo e a utilização em massa de produtos químicos e genéticos, para a produção em série, deixando de se preocupar com os prejuízos do clima e o solo, vão descaracterizar um dos mais antigos relacionamentos espaciais da humanidade, as feiras livres. Segundo Galeano (1979), as produções que antes eram diretamente do produtor-consumidor, vão ganhar um novo personagem, o atravessador, os supermercados, uma vez que o pequeno produtor não possuía os meios de produção e transporte para colocar o seu produto no mercado que lhe é direcionado.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso/Campus Universitário do Araguaia. E-mail: delma.doin@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso/Campus Universitário do Araguaia. E-mail: victor.santosalves@hotmail.com

O papel de coadjuvante no novo modelo de produção capitalista do campo é também discutido na obra de Oliveira:

Outro fator que contribui para a aceleração desses processos foi o militarismo, que levando o filho do camponês para a cidade, colocava-o em contato com novas necessidades urbanas. Tal processo acelerou-se com a melhoria dos meios de comunicação que a sociedade capitalista implantava: as estradas de ferro, os correios, os jornais. Assim, não só as áreas urbanas e suburbanas tornavam-se seus mercados, mas todo o país. O grande número de pessoas a depender da produção da mesma porção de terra (OLIVEIRA, 1986, p. 22).

Portanto, percebemos outro fator do agravamento e diminuição das feiras livres, a desterritorialização do homem do campo, tendo que viver no meio urbano, especialmente pela troca da mão de obra pela máquina, tendo seu trabalho existindo em certos períodos de colheita, ou simplesmente extinguindo-se.

Com esse breve histórico exposto, o objetivo desse trabalho é traçar o perfil dos feirantes que agem na feira da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Primavera do Leste (Aproleste), que acontece na cidade de Primavera do Leste, localizada no interior do estado de Mato Grosso, na qual, tem um crescimento exponencial do agronegócio, sendo possível perceber as diversas dinâmicas urbanas que ali agem, os conflitos e interesses deste território. Com isso, definimos o seguinte problema de pesquisa: como sobrevivem os feirantes da cidade de Primavera do Leste/MT, no qual, tem uma dinâmica comercial preferencialmente que protege o grande produtor?

A devida cidade foi visitada em uma aula de campo do Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, na disciplina de Geografia Urbana e Planejamento, e tinha como objetivo observar e analisar as diversas manifestações que acontecem no território urbano, e que acabam se cruzando com o espaço rural, estando internamente ligados.

Para a concretização do mesmo, foram utilizados a verificação de documentação, de autores, como, Boechat e Santos (2011), Oliveira (1986), Galeano (1979), entrevistas semiestruturadas com os feirantes, com questões objetivas e dissertativas, análise destes resultados apurados, com intuito de descobrir o perfil dos mesmos, sendo aplicados 16 (dezesesseis) questionários, no dia 25 de março de 2017.

## A Origem da Cidade do Agronegócio

A cidade de Primavera do Leste/MT, chamada primeiramente de Bela Vistas das Placas, teve como desbravadores os bandeirantes vindos do litoral, ainda no século XVII, que explorando aquela região em missões para a ocupação do interior do Brasil, estavam à procura de pedras preciosas, principalmente de ouro e diamantes. Como aponta a obra História de Primavera do Leste:

Relatos dão conta de que os bandeirantes cruzavam o morro de São Jerônimo, vindos de onde é hoje Mato Grosso do Sul, para chegar a Cuiabá na segunda metade do século XVII, mais precisamente em 1673. Foram os aventureiros bandeirantes, mestiços em sua maioria, que no século XVIII descortinaram a 'região das minas gerais', em especial as áreas de Cuiabá, Vila Rica, Tijuco, Diamantina, etc., construindo nova fase de progresso econômico ao longo do século XVIII (Câmara de Vereadores de Primavera do Leste, 2017, p. 09).

Com o tratado de integração nacional, que ficou a cargo no Centro-Oeste de Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que com objetivo de estender as linhas telegráficas até o Acre, a partir de Mato Grosso, foi outro ponto que propiciou o surgimento de Primavera do Leste, como ressalta, o documento A História de Primavera do Leste (2017, p. 11) “ [...] o primeiro traçado telegráfico entre Cuiabá e Barra do Garças, passando pela atual região de Primavera do Leste”.

Na ditadura militar de 1964, surgem os programas como o da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que estabeleceu o padrão de ocupação de toda a Amazônia Legal, marcado pela abertura das rodovias habilitadas a ligar o norte do país aos centros econômicos e financeiros, especialmente as estradas Transamazônica e a Belém-Brasília, o Polo-Centro, de ocupação do Cerrado brasileiro, que partilhou incentivos fiscais e empréstimos aos que se dispusessem a enfrentar as dificuldades, e da terra tirar algo mais além do sustento, e é através de desses programas que Primavera do Leste, atraiu pessoas de outras regiões do país, como esperanças de melhores condições vida, como ressalta o documento da História de Primavera do Leste.

No dia 26 de maio de 1978, a Câmara Municipal de Poxoréu, no qual a cidade de Primavera do Leste era distrito até então, autorizou a criação de um núcleo urbano, no qual, posteriormente foi feita seu loteamento, a implantação de toda uma infraestrutura para abrigar os futuros moradores e os atuais, que ali já habitavam. Já em 26 de setembro de 1978, este loteamento foi elevado a distrito de Poxoréu, como destaca o mesmo documento. E em 13 de maio de 1986, Primavera do Leste foi instituída município, como ressalta a Câmara de Vereadores de Primavera do Leste:

A Ata Final do processo de emancipação marcou a realização de plebiscito para 21 de abril de 1986, com o registro de 1.142 eleitores aptos a votar. Votaram 741, com 704 eleitores pronunciando-se favoráveis ao desmembramento. Contagem dos votos favoráveis à emancipação de Primavera do Leste (Câmara de Vereadores de Primavera do Leste, 2017, p. 55).

Com essa emancipação, Primavera do Leste teve olhares atraídos por diversas pessoas, que tinham interesses de investimentos nessa região, principalmente envolvendo o agronegócio, como por exemplo, foram construídos e criados o Projeto de Armazenagem dos Grãos, em 1989, responsável pela armazenagem de grãos, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais em 1987, como entidade representativa, e 1990 a Cooperativa de Crédito Rural, em 1998 é criada a Unicotton – Cooperativa dos Produtores de Algodão do Sudeste de Mato Grosso, fortalecendo a exploração do algodão na região e outros empreendimentos, como exemplo a Cargill, que concomitantemente, trouxeram demais investimentos a cidades e a abertura de novas empresas. Com isso, Primavera do Leste se tornou destaque no agronegócio, com elevado crescimento econômico a cada ano.

## **O Espaço da Feira Livre**

A história de construção da cidade de Primavera do Leste/MT esteve ligada diretamente às atividades primárias, envolvendo principalmente o agronegócio, no entanto, percebemos que as feiras livres também acontecem na cidade de Primavera do Leste/MT e possibilita as atividades do pequeno produtor, em especial, a feira realizada

pela Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Primavera do Leste (Aproleste), fundada em 25 de maio de 1994.

Nessa relação cidade-campo é possível perceber a presença da agricultura familiar, que se utiliza das feiras para vender a sua produção, ou até, encontram como alternativa, para vender o excedente da mesma. Como salienta Boechat e Santos (2011, p. 08) “a feira livre se configura mais que um ponto comercial da agricultura familiar, pois neste meio circulam bens, culturas e pessoas, sendo uma partilha entre economia e cultura, onde ocorrem encontros e articulações políticas”.

Para cumprir a proposta da pesquisa, foi utilizado como amostragem a feira Aproleste, sendo aplicados 16 (dezesesseis) questionários, no dia 25 de março de 2017. A faixa etária das pessoas entrevistadas varia entre 20 (vinte) e 73 (setenta e três) anos de idade, destes 4 (quatro) são do sexo masculino e 12 (doze) do sexo feminino. Sobre o estado civil, apurou-se que 10 (dez) são casados, 2 (dois) solteiros, e 4 (quatro) não se enquadram dentre essas duas alternativas.

Ainda de acordo com o questionário, observou-se que quanto aos números de filhos, 5 (cinco) pessoas têm dois filhos, 3 (três) entrevistados possuem quatro filhos, mesmo número das pessoas que não têm filhos e 3 (três) pessoas não se encaixavam nestas alternativas anteriores.

Em referência ao grau de escolaridade dos entrevistados, 6 (seis) não possuíam o ensino fundamental completo, 2 (dois) concluíram o ensino fundamental completo, 4 (quatro) realizaram o ensino médio por completo, tendo apenas 1 (um) que não realizou todo o ensino médio, 2 (dois) já estavam cursando o ensino superior e 1 (um) não está inserido em nenhuma destas opções. Dessa forma percebeu-se que a formação educacional dos feirantes é bem diversificada, com parte dos entrevistados ainda em formação.

Quando perguntados a quanto tempo exerciam a profissão de feirantes, os números variam entre um ano e meio e vinte cinco anos. Sobre os motivos de terem escolhido essa profissão, a dificuldade financeira é uma das principais repostas, muitas famílias buscam nas feiras uma fonte regular ou para complementação de renda, enxergando nas mesmas, a possibilidade real de escoamento de sua própria produção.

Por outro lado, alguns entrevistados viram na feira, uma renda extra, com o tempo que possuem livres.

Dos 16 (dezesseis) entrevistados, todos vendem na feira aquilo que próprio produzem, especialmente, produtos de origem hortifrutigranjeiros, assim como, alimentos, bolos, salgados, pães, entre outros. Já quando questionados se este trabalho desenvolvido na feira era provisório, 12 (doze) responderam que não e 4 (quatro) que sim.

Outro ponto constatado nas entrevistas, que quando os entrevistados foram questionados que além do seu trabalho como feirante, havia outra de renda da família, 6 (seis) responderam que sim e 10 (dez) que não havia. Já quando indagados sobre quantas pessoas da família contribuem para a renda total, 7 (sete) responderam que duas, 3 (três) que apenas três contribuem, 1 (um) respondeu que 4 (quatro) colaboram, assim como 1 (um) entrevistado que elencou que cinco pessoas cooperam com essa renda e 4 (quatro) pessoas manifestaram que vivem só.

Para tralharem nesta feira, todos os feirantes tiveram que passar por um cadastramento, por ser tratar de uma associação. Com isso, em uma das questões da entrevista, foi se esses feirantes trabalhavam somente nesta feira, no qual, 15 (quinze) assumiram que sim, tendo apenas um feirante que elencou que trabalhava em outra feira.

Figura 1 – Produtos comercializados na Feira Livre



Fonte: Agora MT, 2016.

A fiscalização da agência sanitária estava presente no dia da nossa pesquisa, supervisionando principalmente alimentos de ordem alimentícia, como a temperatura, datas de validade, procedência de origem e peso dos alimentos comercializados. Nos revelando que os produtos dos feirantes passam por inspeções, necessitando os mesmos estar de acordo com as exigências de qualidade e higiene, para que possam ser vendidos naquele local.

A respeito da segurança da feira, a resposta foi positiva nesta amostragem, todos os entrevistados responderam que sentem seguros no ambiente daquela feira livre. Apesar de ser considerado um local da cidade perigoso, sobretudo, por estar ligado a uma zona de tráfico de drogas, mesmo assim, os feirantes não observavam, ou não foram vítimas de alguma espécie de crime, e nem presenciaram com seus fregueses.

Os entrevistados também opinaram sobre as melhorias que o espaço destinado à feira deveria ter, elencando a limpeza, a existência de banheiros apropriados para deficientes e estacionamento para os clientes. Identificando-se a falta de manutenção estrutural dos órgãos responsáveis no local que acontecesse a feira.

Com esses relatos apurados durante a entrevista, percebemos que a feira livre de Primavera do Leste, sendo uma cidade planejada para agronegócio, numa escala global, tem seu espaço físico segregado para a realização de suas atividades, tanto dos feirantes, quanto dos fregueses, na medida em que o grande produtor isola o pequeno agricultor de suas atividades comerciais.

Segundo Elias e Pequeno, as cidades do agronegócio teriam como características,

[...] forte integração à economia urbana, gerando uma extensa gama de novas relações campo-cidade, diluindo, em parte, a clássica dicotomia entre estes dois subespaços. As cidades próximas às áreas de realização do agronegócio tornam-se responsáveis pelo suprimento de suas principais demandas, seja de mão-de-obra, de recursos financeiros, aportes jurídicos, de insumos, de máquinas, de assistência técnica etc., aumentando a economia urbana e promovendo redefinições regionais (ELIAS e PEQUENO, 2007, p. 26).

Prejudicando a agricultura familiar, que divide esses mesmos espaços do agronegócio, na qual, preocupa-se em abastecer o mercado interno da cidade com pouco apoio público, enquanto que os gestores estão preocupados em gerar mais receita, tentando atrair mais capital externo e favorecendo assim, uma colonização dos espaços

pelo capital estrangeiro. Por ser uma cidade do agronegócio, Primavera do Leste não dá a devida atenção a agricultura familiar, esquecendo que é a feira livre responsável pelo abastecimento com produtos que o grande latifundiário não se preocupa em cultivar para a população, que oferece produtos orgânicos, naturais e artesanais. Sendo também, um espaço de diferentes culturas, como ressalta Boechat e Santos:

Todos têm uma história da identidade e origem, e junto com está tem inserido algum momento de lembrança em que a feira estava relacionada, seja no âmbito alimentar, no de lazer, ou no de historicidade local. A feira livre tem esse caráter diversificado, onde circulam por ela vendedores, compradores, transeuntes e outros participantes variados. Estas pessoas circulam muito, examinaram, pechincham ou simplesmente estão à procura do que desejam, sendo que outras já tem seus feirantes preferidos, conhecem estes de longa data e às vezes criam laços de afetividade mais profundos tornando-se mais amigos do que fregueses. No meio de toda essa distribuição, surgem os ambulantes, os transportadores, contadores de histórias, gerando assim um verdadeiro “tumulto” perfeitamente arranjado onde acaba funcionando de maneira certa e atendendo todos em seus anseios (BOECHAT e SANTOS, 2011, p. 06).

Primavera do Leste é procurada por investidores do agronegócio que procuram seu território para expansão de sua fronteira ideológica de capital primário, para distribuir nos grandes centros. A dicotomia existente, é que cidade de aproximadamente 52.066 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE (2010), voltada para a produção agrícola, mais de apenas produtos para a produção de outros bens, ou melhor, a nova agricultura da revolução técnica-científica, com base na divisão internacional do trabalho, um centro local, para atender as necessidades globais.

Mas a feira livre, ainda resiste aos moldes antigo, possuindo os seus produtos comercializados a maioria de forma artesanal, livres de substâncias nocivas, com produção em pequena em escala. Mantendo também, os seus laços culturais, artísticos e paisagísticos, num espaço cercado, com ordenamentos e regulações, resistindo a essas forças capitalistas, que excluem o pequeno agricultor.

### **Considerações Finais**

Verificou-se com este estudo, que os feirantes utilizam da feira livre, para obtenção de renda total ou como complementação, vendendo seus produtos muitas vezes artesanalmente, fabricados ou plantados em sua propriedade, tendo utilizado do



espaço da feira também, como extensão de sua casa, pois, muitas vezes, já o comercializavam, sendo sempre, em grande maioria, produtos orgânicos e livres de pesticidas.

Com o cenário político atual, no qual, não há valorização com políticas que beneficiem o pequeno produtor, que concorre injustamente com os grandes latifundiários, que se interessam apenas com a comercialização de produtos de *commodities*, expulsando o pequeno produtor do campo.

Apesar de encontrar-se num espaço urbano, contrastando com o capital globalizado representado pelo grande número de empresas do agronegócio instaladas na cidade, a feira livre persiste. A mesma traz para o urbano, traços do rural, esta paisagem representa a dicotomia do capital numa expressiva realidade chocante. Plantando em grandes espaços e escalas o algodão, a soja, entre outros, e reduzindo os espaços para as outras necessidades alimentares, da agricultura de subsistência, assim, consiste em a resistência e persistência das feiras livres mantidas pelo pequeno agricultor.

Diante disso, entendemos a resistência camponesa, que sem fomento e valorização agrícola, constantemente luta para resistir no campo, contra o sistema capitalista de produção, que está impregnado na sociedade atual, provocando as desigualdades sociais, tanto no urbano, quanto no rural.

## Referências

BOECHAT, Patricia Tereza Vaz, SANTOS; Jaqueline Lima. **Feira Livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias**. X Semana de Geografia da UESB; Bahia, 2011. Disponível em: <[www.uesb.br/eventos/ebg/?pagina=anais](http://www.uesb.br/eventos/ebg/?pagina=anais)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Câmara de Vereadores de Primavera do Leste. **A História de Primavera do Leste**. Disponível em: <<http://camarapva.com.br/livro.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

ELIAS, Denise, PEQUENO, Renato. **Desigualdades Socioespaciais: Nas Cidades do Agronegócio**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Recife, v. 09, n. 01, pag. 25-39, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.